

Resenha



GASTAL, Susana. 2006.

Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio

Campinas: Papirus. 224 p.

O tema da cidade é mais relevante ao estudo do turismo do que parece à primeira vista. Mais do que principais destinações turísticas (afinal, turismo rural, turismo ecológico etc. são segmentos ainda minoritários), as cidades produziram o turismo. A urbanização foi o esteio do processo civilizador (civis = cidade) de que falava Norbert Elias; foram as cidades que, a partir do século XVI, pouco a pouco retiraram o entretenimento cotidiano do controle socioreligioso e o transformaram em fonte de lucro; foram as cidades modernas e contemporâneas que transladaram a hospitalidade do espaço doméstico ao qual estava circunscrita para o espaço urbano e seus equipamentos comerciais (hotéis, bares e restaurantes) ou não. E, finalmente, a má qualidade de vida das nossas cidades ainda é um dos principais motores da atividade turística. Como alerta Krippendorf, hoje, as pessoas viajam massivamente, mas o fazem sobretudo por não agüentar as misérias de

sua vida cotidiana (e, poderíamos acrescentar, das mazelas dos espaços urbanos onde vivem).

Susana de Araújo Gastal é originária da área de comunicação e há dez anos milita na área do turismo, coordenando cursos (inclusive o atual Programa de Mestrado em Turismo da UCS). Aliás, esse foi um dos poucos lados positivos da recente explosão dos cursos na área (o momento, por sinal, é de inflexão da curva): a atração para a área de pesquisadores das áreas de economia, sociologia e antropologia. Esses novos turismólogos foram os responsáveis pelo progressivo esvaziamento de uma crítica mordaz que se fazia à totalidade dos estudos turísticos: a sua excessiva vinculação a questões de economia (sobretudo monetizada) e à gestão.

Como as cidades se constituem na contemporaneidade? Esta pergunta, que a autora formula logo no início, como sua questão central (p. 11), pode induzir o leitor atento em erro. Em primeiro lugar, é preciso distinguir a cidade e o urbano, à medida que se admite a cidade como espaço de reminiscências do rural e o urbano como atributo de um espaço não necessariamente das cidades. Em segundo lugar, não é um livro de economia ou de história, isto fica muito claro no momento em que ela coloca a semiótica ao mesmo tempo como referencial teórico e metodológico. Aliás, este é algo mais a saudar no seu livro: a contribuição da metodologia e da teoria da semiótica para o turismo. Pode ser banal afirmar que o turismo concretiza-se basicamente no olhar, mas o estudo dos signos absorvidos nesse olhar é cada vez mais decisivo para a análise da experiência turística.

Nesse sentido, ela parte do princípio de que o urbano é, para além do espaço físico, um texto a ser lido, com três chaves (que ela chama de matrizes): a cidade-praça, a cidade-monumento e a cidade-palco. Sua hipótese central repousa num “olhar os grandes núcleos humanos com base em um entendimento teórico pós-moderno (o que) permite que o fenômeno seja desdobrado na sua constituição em imagem – ou seja, a cidade em si – e em imaginários, reunidos sob o urbano” (p. 10). Esse imaginário atribui e delimita a cidade com base nessas três propriedades: o espaço do estar-junto, síntese da praça moderna, o tempo do monumento e o cenário do palco, tempos e espaços modelados pela tensão da passagem do tradicional ao moderno e ao pós-moderno, tensão criada pela hegemonia de um tempo sobre outros que todavia subsistem.

A noção de pós-modernidade também é central e, sem dúvida, pertinente à discussão proposta. Afinal, se a virtualidade é uma das características da sociedade pós-industrial, é quase impossível estudar um fato sem o outro. Dúvida, se existe, é apenas quanto ao quadro de referência teórico marxista, em especial dois dos autores centrais aos quais recorre: Frederic Jameson e Henry Lefèvre. Como, aliás,

bem demonstrou seu conterrâneo, Jorge Verlindo¹, foi apenas a crise dos grandes modelos explicativos totalizantes, entre os quais o marxismo, que permitiu a eclosão na sociologia dos estudos sobre o imaginário social. Seja como for, adotar a referência marxista no estudo da cultura implica em anular uma das suas noções mais heurísticas, a predominância da infra-estrutura sobre a superestrutura e adotar uma posição mais dialética de mútua influência de ambas.

Quais são as principais conclusões de sua pesquisa? A praça, mais do que o espaço codificado para o “estar-junto”, é símbolo da sociabilidade das cidades. Mais: é a própria síntese da noção de urbano. E o que mais impressiona é a extrema diluição desse estar-junto no espaço. “Semioticamente, a cidade torna-se um texto marcado pelo precário. A cidade concreta é evitada, em detrimento das ilhas de *urbanidade* [grifo da autora], lugares onde o imaginário urbano clássico – a praça como destaque – se materializa depois de passar pela mídia: condomínios sofisticados, shopping centers, bairros de concentração de vida noturna, animados como praça” (p. 104).

O monumento (a cidade histórica) padece de outro problema: como manter os símbolos do lugar ante o internacionalismo explícito? Se a técnica moderna permite a reconstrução nos moldes originais de um edifício, onde está a diferença entre o atual e o histórico? “A paródia (apenas a fachada de um prédio é preservada) é a mesma ironia presente nos trechos de parede em que o reboco é retirado, deixando à vista parte dos tijolos. O *revival* não recupera qualquer passado, mas elege aquele que possa servir como arquétipo do presente” (p. 145).

Se ambas as matrizes anteriores são importantes para o turismo, a cidade como palco é decisiva. Afinal, todo espaço que serve ao turismo é antes de tudo um palco onde se desenrola uma cena exterior ao indivíduo e aqui a noção de valor de uso e valor de troca atingem o cerne da observação: “A cidade do palco como cenário do olhar e ser olhado vive sob o primado do valor de uso. A cidade como o olhar a paisagem constrói-se sob o valor de troca” (p. 207).

Adicionalmente, podemos ainda incluir esta pesquisa de Gastal dentro da bibliografia básica de hospitalidade urbana, quem sabe auxiliando na compreensão das propriedades de legibilidade, acessibilidade e identidade que, para Grinover, constituem os pilares metodológicos para o estudo dessa área.

Tudo o que se espera é que venham outras pesquisas da autora e dos muitos novos pesquisadores que seguem sua trilha.

Luiz Octávio de Lima Camargo

1. *O imaginário social na sociologia brasileira*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.